NÃO TEMAS

A revolução gentil da Providência



Carta do Casante Pe. Massimiliano Parrella à Família Calabriana

Verona, 26 de Novembro de 2026
Aniversário da fundação da Obra

NÃO TEMAS
A revolução gentil da Providência

Carta do Casante à Família Calabriana
Autores: padre Massimiliano Parrella e Silvio Ciappi

Editado pelo Setor de Comunicação PSDP

Verona, 26 de Novembro de 2026

À querida Família Calabriana,
irmãos e irmãs em Cristo, religiosos e religiosas,
leigos, consagrados e colaboradores, jovens e idosos, voluntários, acolhidos e amigos da Obra em todo o mundo, Shalom!

Neste aniversário, em que recordamos os 119 anos desde que São João Calábria iniciou a primeira *Casa dos Bons Meninos*, dirijo-me a todos vocês com uma carta especial. O fruto do caminho iniciado juntos com *Artesãos da Providência* (2022) nos levou a aprofundar nossa identidade de família carismática, que tem a missão de traduzir as intuições de nosso fundador em um estilo de vida adequado aos tempos atuais.

Em sintonia com o caminho da Igreja, nosso olhar se deteve nos grandes temas da paz, com *Shalom, Brotos de Paz* (2023), e da esperança (*Spes Unica Deus*, 2024).

Com a minha carta *A força dos mansos, o poder dos perdedores* (2025), senti a necessidade de fazer nosso carisma dialogar cada vez mais com a situação do mundo contemporâneo, propondo a mansidão como chave de leitura.

A carta de 2026 nasceu precisamente de um diálogo importante e significativo com um de nossos colaboradores, **Silvio Ciappi**, Criminólogo e psicoterapeuta, Professor de psicologia na Universidade Salesiana e consultor, há muitos anos, de nossas

atividades sociais. Mas, sobretudo, um amigo da Obra e fascinado pela extraordinária atualidade e vitalidade de nosso carisma diante da degradação do horizonte relacional e educativo de hoje.

A minha ideia para esta carta — sobre como o carisma da Paternidade e da Providência constitui hoje a chave mais poderosa para **mudar a narrativa do medo**, da guerra e das escolhas que daí decorrem — encontrou-se com o olhar de Silvio Ciappi, atento e habituado a observar as misérias da alma humana. **Assim nasceu este texto escrito a quatro mãos.**

Adianto que não será uma viagem fácil, porque toca as fibras mais profundas de nosso agir e, ainda mais do que o tema da mansidão, pede-nos uma profunda conversão. Por isso, a minha intenção é que **esta carta acompanhe o período de novembro de 2026 até os próximos Capítulos Gerais**, que acontecerão na primavera [no continente europeu] de 2028.

No próximo ano, de fato, toda a Família Calabriana estará empenhada na reflexão pré-capitular, e não prevejo publicar uma nova carta. **Este "Não temas" continuará, porém, a acompanhar-nos**, naturalmente junto ao tema central em torno do qual tomará forma o Instrumentum laboris dos Capítulos Gerais.

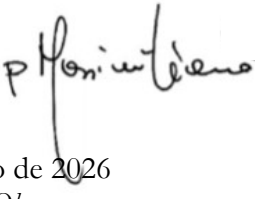
Como sempre, as minhas palavras, juntamente com as de Silvio, são apenas uma tímida tentativa de evidenciar

como **a Palavra de Deus é o farol poderoso do qual cada passo nosso recebe vigor**, ainda mais fortalecido pela visão carismática de São João Calábria, que, com extraordinária lucidez, sabe indicar-nos também hoje o caminho a percorrer.

Creio que esta seja uma maneira significativa de viver o aniversário daquela bênção da noite de 26 de novembro de 1907, concedida aos primeiros sete "bons meninos" que foram morar no beco Case Rotte.

Não foi um momento romântico, mas uma entrega decidida à Divina Providência, **que iniciou em São João Calábria uma nova revolução gentil**, aquela revolução da Providência da qual nós, hoje, ainda somos todos testemunhas e guardiões.

Em Cristo, Eu os abençoo!
Seu irmão e pai,
Massimiliano



Verona, 26 de Novembro de 2026
Aniversário da fundação da Obra

"Pergunto quando será
que o homem poderá aprender
a viver sem matar, e o vento se aquietará".

Francesco Guccini
(cantor e compositor italiano)

Canção da criança no vento
(1967)

INTRODUÇÃO

1. Acontece a todos de tropeçar, de cair sobre a própria vida como folhas cansadas, de perder-se, de encontrar-se imóveis observando a vida que passa, como uma criança que, do berço, olha admirada e maravilhada para o segredo do céu. Pensamos de ser onipotentes, de poder de vencer a vida e as suas perdas. Encontramo-nos sem voz, sem desejos, esmagados pela solidão, num mundo que conta os mortos. Acontece que o medo se torne a única opção possível para enfrentar a vida. Que deixemos de amar a vida. Porque o encantamento terminou. **O medo nasce quando o homem deixa de confiar. E, quando deixa de confiar, deixa de viver, de amar, de doar-se.**

2. Vivemos numa época de grandes desorientações, de jovens desencantados e perdidos, de novas guerras e totalitarismos, de uma economia globalizada e financeira que varre o homem artesão. Tudo isso gera um clima generalizado de desconfiança, de falta de pontos de apoio; desaparece perigosamente até aquela solidariedade humana que está na base da comunidade. Uma das consequências é o medo. Refugiar-se num bunker enquanto ao redor arde a guerra, dentro e fora de nós.

3. A pandemia sem dúvida desempenhou um papel na origem dos medos contemporâneos. Além disso, os conflitos geopolíticos em curso desencadearam um medo do desconhecido, ou angústia, enraizado no nível

existencial. O mundo parece ter perdido parte de suas fronteiras. As fronteiras são muros, e os muros separam e protegem. De quê? Do excesso de liberdade, que é um bem de luxo, porque nem todos podem permitir-se a liberdade. A crise de identidade gera uma desorientação, uma angústia, um medo generalizado. A sociedade digital inseriu-se nesse clima, construindo um mundo virtual no qual se "simulam" relações, encontros, uma panaceia para um mundo marcado pelo medo, pelo tédio e pela vergonha.
O medo apaga a vida.

4. A vida é a liberdade de poder doar-se ao outro. Uma mãe e uma criança sabem que entre elas existe um fio secreto que as une, o da linguagem secreta dos afetos. Para formar um ser humano é necessário pelo menos um outro. É preciso ser pelo menos dois para que um homem e uma mulher nasçam. Assim se desenvolvem identidade, autonomia e confiança. Assim se desenvolve a vida. "Não temas — parecem dizer aquelas jovens mãos de mães — , estou aqui para te segurar, nada acontecerá." O medo é fechamento diante do outro, são mãos que soltam o aperto, afundar-se numa solidão ressentida.
O medo é também mãe involuntária da violência.

5. O animal amedrontado corre o risco de morder. O homem também. O resultado é a suspeita, a desconfiança, a conspiração contra tudo aquilo que não se parece conosco. O Semelhante toma o lugar do Outro. Quem não compartilha conosco as nossas mesmas

características (de etnia, classe social, ideias) torna-se "inimigo". O medo gera inimigos invisíveis: os pobres, os deserdados, multidões vindas do mar ou de terras queimadas pelo ódio.

6. Também se pode ser violento "por delegação". Delegar a violência a um líder e não exercê-la diretamente. A crueldade também está em armar a mão de outros, preferir não ver, permanecer indiferente. Quando o homem deixa de confiar, o perigo é auqele de identificar-se com o líder ou ditador da vez, que acredita ser a própria História. Esse conceito está na base dos totalitarismos, do refúgio do homem esmagado pelo excesso de liberdade em bunkers identitários, em ideologias xenófobas e racistas de intolerância que desprezam a liberdade.

7. O homem ama mais o pão do que a liberdade, mais o milagre e a autoridade do que a fé livre e o livre-arbítrio. É Dostoiévski quem escreve palavras insuperáveis em *O Grande Inquisidor*, quase um livro dentro do livro *Os Irmãos Karamázov*. O velho inquisidor — estamos na Sevilha da Contrarreforma de 1500 — manda prender Jesus, acusando-o de ter vindo trazer a vida e a liberdade aos homens, embora os homens não gostem de ser livres, pois amam mais quem lhes dá o pão da terra do que o pão do céu; as pessoas precisam de alguém para adorar com provas tangíveis (o Milagre), não de uma fé da interioridade e da solidariedade, e de alguém que decida por elas o que é bom e o que é mau, retirando-lhes o peso da responsabilidade. Jesus o escuta e aproxima-se do

velho inquisidor e o beija. Jesus não tem palavras, apenas um gesto. O cardeal, perturbado, liberta-o, dizendo-lhe: "*Vai embora e nunca mais voltes*". O gesto de Jesus é o amor como dom, é o pão do céu, é a solidariedade e a não violência na terra. É a comunhão com o humano, mesmo diante de teu pior inimigo.

I. O HOMEM DE HOJE: NÃO MAU, MAS AMEDRONTADO

"O anjo disse às mulheres:
'Vós não tenhais medo! Sei que procurais Jesus,
o crucificado'."
(Mt 28,5)

8. **Não nos tornamos mais maus. Tornamo-nos mais assustados.**

"Quando é que se vive?" — Parece perguntar-se o personagem de um dos livros mais desconcertantes da grande literatura russa, *Oblómov*, de Ivan Gontcharóv. Oblómov fica deitado no sofá o dia inteiro; nem seu amigo Stolz consegue fazê-lo levantar, nem Olga, a adorável jovem de 21 anos. Não se ocupa de nada, nada parece interessá-lo. Não tem interesse por jornais, política, pelo mundo inteiro; mantém até as mulheres à distância. "Quando se vive?", pergunta-se Oblómov, "antes de fazer alguma coisa?".
O tédio alimenta o medo.

9. Oblómov é, em certos aspectos, o protótipo de muitos rapazes e moças de hoje, de homens e mulheres sem um propósito. Seu tédio é o nosso tédio. O tédio é um bocejo diante do mundo, típico de pessoas que já não conseguem se surpreender. Se não tens nada a fazer, se a tua é uma vida "à maneira de Oblómov", perpetuamente deitado, tanto melhor juntar-se a um bando, físico ou digital,

mantido unido por interesses transitórios e instantâneos, como um grupo de WhatsApp e as "amizades" nas redes sociais, pequena panaceia para um sentimento geral de isolamento.
O tédio apaga o desejo.

10. O tédio nos torna ávidos de *não coisas*, de coisas já desejadas por outros. A simples posse de bens desejados coletivamente é, por si só, sinônimo de felicidade; a felicidade consiste na posse de bens já desejados, não imaginados, mas disponibilizados pelo sistema tecnológico. São desejos que não nascem da fantasia e, sem fantasia, passamos a desejar apenas objetos já vistos e consumidos. O tédio faz o mundo murchar, um mundo que já não estimula a ser descoberto em sua variedade e cores. O tédio também faz parte daquela *solidão digital* que substituiu as "relações" humanas por "contatos" virtuais.

11. O tédio é bem descrito por Dante quando fala dos preguiçosos no *Inferno* — a acídia é, de fato, uma das variantes do tédio. O contrapasso de Dante parece exagerado: por que uma pessoa entediada deveria merecer o inferno? A resposta de Dante é drástica: porque o acometido de acídia, apagando o mundo, é como se negasse a presença vivificante de Deus nas coisas, como se negasse a vida. Tudo isso parece ajustar-se muito bem, infelizmente, também ao mundo de hoje.
O medo é alimentado pela vergonha.

"Deu a um cinco talentos, a outro dois
e a outro um, segundo a capacidade
de cada um; depois partiu".
(Mt 25,15)

12. Tememos a competição, o risco, terminar entre os perdedores. Melhor, então, não competir, recusar as promessas da vida e enterrar o próprio "talento". Na sociedade do medo, somos como soldadinhos numa trincheira, temos dificuldade de sair a descoberto, de nos expor com nossas imperfeições e vulnerabilidades. A sociedade do medo alimenta a vergonha, que consiste em sentir-se inadequados e perdedores, sobretudo no mundo das redes sociais.

13. No mundo dos vencedores, os perdedores perdem valor. **Até a dor pode ser apenas exibida, mas é difícil ou escandaloso comunicá-la, porque sentir dor é coisa de perdedores.**
Pensemos nas novas gerações: na sociedade "paliativa" (que aboliu a dor), é preciso ter desempenho, sorrir sempre, seduzir, mostrar felicidade. Ser excluído é uma dupla condenação, ser pobre e excluído do mundo dos ricos, que se tornou — aparentemente — cada vez mais acessível a muitos. A fila que se forma para entrar num estabelecimento da moda, as redes sociais cheias de vídeos de pessoas esperando, um efeito de rebanho que funciona até para comer alimentos comuns ou entrar em estabelecimentos modestos; mas faz-se isso para levar para casa um vídeo e repostar, porque está na moda.

"Poucos dias depois, o filho mais novo
reuniu tudo o que era seu e partiu
para um país distante; ali esbanjou
seu patrimônio vivendo dissolutamente".
(Lc 15,13)

14. O medo é o de ser deixado de fora do mundo, a chamada FOMO, Fear of Missing Out. Todos foram àquele lugar, todos provaram aquela comida, menos tu. Comer, assim como divertir-se, torna-se parte do conhecimento de uma cidade, de participar de uma *experiência* na qual o importante é ser visto. E, *se não és visto, não existes*. No jogo dos vencedores, para sentir-se vivo é preciso estar sempre à altura. Se não queres ser excluído, precisas ser "feliz". Caso contrário, o risco é a exclusão. Se não consegues acompanhar o ritmo dos vencedores, dos superprodutivos, os caminhos que se abrem são o de uma solidão ressentida, de uma exclusão da comunidade e do refúgio num mundo digital em que se perdem as relações. Daí o possível surgimento de depressões e outras patologias da exclusão.

15. O outro caminho é declarar "guerra" ao mundo, perder a "confiança" no homem, na solidariedade humana e entrar no bando dos conspiracionistas, dos indiferentes, assumindo ideologias da guerra, do ódio social e da exclusão.

II. O PRIMEIRO MEDO: O HOMEM QUE SE ESCONDE

"Ouvi a tua voz no jardim: tive medo,
porque estou nu, e me escondi".
(Gen 3,10)

16. **O medo rompe a relação.**
Aqui estamos diante da primeira palavra do homem depois do pecado: não é uma justificação, não é um pedido de perdão, não é um grito; é uma declaração de medo. O hebraico diz **yare'**, um medo que não é simples emoção, mas experiência existencial de ruptura, e logo depois **va'eḥavè**, "escondi-me".
O medo gera imediatamente afastamento, retraimento, perda de relacionamento. Não é secundário que o homem não diga "pequei", mas "tive medo". Isso significa que, biblicamente, **o primeiro efeito do mal não é moral, mas relacional**; a culpa vem depois, antes vem a ruptura do vínculo, o medo é o verdadeiro exílio original. Deus não mudou, é o homem que muda seu olhar: antes caminhava com Deus no jardim, agora o percebe como ameaça, o medo deforma Deus e, deformando Deus, deforma o mundo e os outros. O medo rompe a relação.

"A mulher que puseste ao meu lado deu-me
da árvore e eu comi." O Senhor Deus disse à mulher:
"Que fizeste?". A mulher respondeu:
"A serpente me enganou e eu comi".
(Gen 3, 12-13)

17. O homem amedrontado procura uma toca, um esconderijo, um bando, até mesmo um grupo, quando está com medo, um lugar para onde possa se retirar de tudo ou de todos que a ameace. A Escritura revela exatamente essa atitude de excluir os outros, transferindo a responsabilidade para eles: *"a mulher que puseste ao meu lado...", "a serpente me enganou..."* já é uma dinâmica de dispersão, de perda do nós. O animal humem amedrontado tem dificuldade de reconhecer o Outro e se refugia no bando dos semelhantes; mas o semelhante é uma construção defensiva, aquilo que não provoca crise, que não obriga a sair. Também na encíclica *Magnifica Humanitas* o Santo Padre nos convida a não ter medo diante do humano, dos refugiados e imigrantes "*obrigados a deslocar-se por causa da pobreza, da violência, das mudanças climáticas e dos desastres ambientais. A maneira como uma sociedade os trata mostra se sua ideia de justiça é guiada pelo medo ou pela fraternidade*" (Leão XIV, *Magnifica Humanitas*, n. 81).

18. O bando não é a comunidade; a comunidade, na Escritura, nasce de um chamado e de uma promessa, o bando nasce de um medo. A comunidade partilha um pão, o bando partilha um inimigo. O bando é uma pseudocomunhão; não é aliança, mas sobrevivência. No bando não há rosto, mas massa; não há nome, mas a função; não há a relação, mas a reação. O bando não prevê a dimensão do "nós", porque o "nós bíblico" nasce somente diante de Deus; sem o Pai existem apenas "eus" justapostos.

"Senhor, ensina-nos a rezar, como João
também ensinou aos seus discípulos."
E Ele lhes disse: "Quando rezardes, dizei: Pai..."
(Lc 11, 1-2)

19. Aqui se insere profundamente o Pai-Nosso, que não é uma oração devocional, mas uma revolução antropológica. Dizer "*Pai nosso*" significa aceitar que o outro é irmão antes mesmo de ser escolhido, compreendido, amado. Não é sentimento, mas decisão teológica. O próximo não é o semelhante; o termo **plesios** não indica quem se parece comigo, mas quem está perto de mim na concretude da vida.

"Um samaritano, porém, que estava viajando,
chegou perto dele, viu e teve compaixão.
Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas,
derramando óleo e vinho; depois o colocou
em sua montaria, levou-o a uma hospedaria
e cuidou dele".
(Lc 10, 33-34)

20. Na parábola do bom samaritano, Jesus realiza um deslocamento radical: o próximo não é quem está perto de mim, mas quem se faz próximo. A proximidade não é uma condição, mas um movimento; e esse movimento custa, porque implica atravessar a distância, sair de si, vencer o medo original. Aqui se realiza o ágape cristão, não na afinidade, mas na travessia da diferença.

"O povo recusou-se a ouvir a voz de Samuel
e disse: 'Não! Queremos um rei sobre nós.
Seremos também nós como todos os povos...'"

(1 Sam 8, 19-20)

21. Quando a humanidade se torna rebanho, quer o animal-líder; é um dado bíblico constante: Israel, ao pedir um rei, é um povo que tem medo. O medo pede sempre um líder forte, um garante, alguém que assuma o risco em meu lugar, e isso é o contrário da fé.

A fé não elimina o medo, mas o atravessa.

III. DEUS EDUCA A NÃO TEMER

"Depois o Senhor apareceu-lhe junto aos carvalhos
de Mambré, enquanto ele estava sentado
à entrada da tenda, na hora mais quente do dia".
(Gen 18,1)

"A hospitalidade:
encruzilhada de caminhos".
(Edmond Jabès,
O livro da hospitalidade)

22. A Escritura é atravessada por um imperativo que retorna como um fio condutor "não temas", em hebraico **al tira'**. Não é um conselho, mas uma palavra criadora. Deus não descreve uma condição, mas gera uma possibilidade; não faz uma teoria, mas realiza uma história.
"Não temas" a Abraão, na escuridão da promessa ainda não cumprida...
"Não temas" a Moisés, diante do mar sem saída...
"Não temas" aos profetas chamados a pronunciar palavras que ninguém quer ouvir...
A intuição unificadora é que Deus não elimina o risco, mas educa para a confiança dentro do risco.

"O estrangeiro que reside entre vós será tratado
como aquele que nasceu entre vós;
tu o amarás como a ti mesmo, porque também
fostes estrangeiros na terra do Egito".
(Lv 19,34)

23. Aqui entra de modo decisivo o tema da hospitalidade. O Antigo Testamento está construído sobre uma antropologia da passagem: Abraão é nômade, Israel é um povo em êxodo, a terra prometida é sempre recebida e nunca possuída definitivamente. O homem bíblico é estruturalmente hóspede e, por isso, a hospitalidade não é um gesto moral, mas uma forma de fé.
Acolher o estrangeiro significa reconhecer que eu também o fui: "amarás o estrangeiro porque também foste estrangeiro na terra do Egito". **A hospitalidade é memória encarnada.**

24. Num mundo marcado por naufrágios, guerras e migrações forçadas, essa palavra se torna dramaticamente atual. Não é um tema social, mas um critério teológico: a humanidade é uma encruzilhada de caminhos.
A raiz **humus** remete à terra; somos todos feitos da mesma matéria frágil e aberta. Não existem identidades fechadas, na visão bíblica, mas identidades em relação: o caminho se faz caminhando e não se possui.

25. **Deus não pede que sejamos fortes**; essa é uma correção decisiva também para uma espiritualidade distorcida. Deus não constrói heróis, mas homens capazes de confiar.
No carisma de São João Calábria, isso é central: a Providência não é um conceito, mas uma relação vivida, é o abandono nas mãos do Pai.
Deus pede:
de **confiar**, isto é, de viver sem controlar tudo;

de **estender as mãos**, isto é, **de sair de si;**
de partilhar, isto é, de **entrar na lógica do dom**;
não de enterrar o talento, isto é, não de viver na defensiva;
de **ampliar os horizontes**, isto é, não de reduzir a vida ao medo;
de **sentir-se a caminho**, isto é, de aceitar a incompletude.
A Providência não elimina a incerteza, mas a habita.

"Não temas; vai e faze como disseste...
pois assim diz o Senhor, Deus de Israel:
'A farinha da vasilha não acabará
e o azeite da jarra não diminuirá...'"
(1 Re 17, 13-14)

IV. JESUS: "NÃO TENHAIS MEDO"

"Houve uma grande tempestade de vento,
e as ondas se lançavam sobre a barca,
de modo que já estava cheia.
Ele estava na popa,
dormindo sobre o travesseiro."
(Mc 4, 37-38)

26. Aqui estamos no coração da questão: o "não tenhais medo" de Jesus não é psicológico, não é um encorajamento emocional, é revelação: na tempestade, nas águas, na ressurreição. A palavra é a mesma, mas o contexto é sempre o limite, o caos, a morte. A intuição decisiva é que Jesus não retira a tempestade, mas se faz presente dentro dela.

27. O medo habita no reino do não vivido: o servo que tem medo esconde o talento, Pedro que tem medo afunda, os discípulos que têm medo fogem. O medo paralisa o movimento da vida, mas o Evangelho introduz uma ruptura nessa lógica inteiramente humana do medo: a vida não se salva evitando o risco, mas atravessando-o.

"Muitos o repreendiam para que se calasse,
mas ele gritava ainda mais forte:
'Filho de Davi, tem piedade de mim!'"
(Mc 10,48)

28. Existem folhas que nunca querem cair, e essa é a imagem de uma resistência existencial. O Evangelho está

cheio dessas figuras: a viúva persistente, a mulher com hemorragia, o cego Bartimeu, pessoas que não se resignam, porque o que salva um homem não é a ausência de medo, mas a coragem de se expor. "Não tenham medo" não se refere a um estado psicológico, mas a uma abertura à fé. Sem essas palavras, permanecemos presos em nosso próprio ego.

29. O indivíduo moderno não é oprimido de fora, mas se autocondena na lógica do desempenho: esta é uma forma sofisticada de medo, o medo de não ser suficiente. O Evangelho desarma esse mecanismo porque a vida é dom e não desempenho. O indivíduo moderno não é oprimido por um tirano externo, mas se aproveita a si mesmo na tentativa de ser sempre mais "produtivo" e "otimizado".

30. Essa forma de autolimitação não elimina a dor; ao contrário, ela a transforma. Ela se torna uma fonte de compreensão, e as feridas se transformam em aberturas; a Providência não evita a ferida, mas ensina a lê-la como lugar da passagem de Deus. Se eliminamos a dor, eliminamos também a capacidade de amar. A anestesia moral é uma das formas mais perigosas do medo contemporâneo.

Não ter medo: a condição para crer e viver.

31. O que significa não ter medo? Significa retornar à vida, aos limites que a vida impõe, a aceitar a vida como ela é, inclusive com seus os limites, com os sofrimentos e a dor. Mas a dor — ensinavam os gregos — pode ensinar-

nos alguma coisa. O sofrimento nos ensina muito mais do que a felicidade. As nossas feridas podem tornar-se maravilhosas "frestas" para ver as feridas dos outros.

32. Essa dor também é necessária para que possamos encontrar alegria. Ao mesmo tempo, quando não somos capazes de esperar e praticar a renúncia, nossos desejos se transformam em exigências. A espera e a dor nos fazem parte de uma humanidade compartilhada. Dão-nos o impulso para voar, para imaginar redenções possíveis, para tornar a felicidade mais plena.

33. Não devemos ter medo da vida; devemos habituar-nos a acolhê-la como ela é, porque é um dom maravilhoso. Se conseguimos olhar para a vida também em seus aspectos de precariedade, de fragilidade, de inocência e de vulnerabilidade, captamos seu aspecto sagrado.

"Se eu conseguir apenas tocar em seu manto,
serei salva." Jesus voltou-se, viu-a e disse:
"Coragem, filha, tua fé te salvou".
(Mt 9,21-22)

V. O MEDO BLOQUEIA A VIDA

"Tive medo e fui esconder
o teu talento na terra".
(Mt 25, 25)

34. A linha pela qual corremos o risco de caminhar está tragicamente orientada: do medo à defesa, da defesa ao fechamento, do fechamento à esterilidade.
O mal não é o primeiro problema, mas a vida bloqueada: esta é uma chave teológica decisiva.
No Evangelho, o que se censura não é tanto o pecado quanto a esterilidade, o talento escondido, a rede não lançada, o passo não dado.
O medo gera defesa, a defesa gera fechamento, o fechamento gera esterilidade. É uma dinâmica quase inevitável se não intervém uma palavra que a interrompa.
A vida bloqueada é uma vida que deixou de confiar. Quando a vida se bloqueia, sobrevém o pensamento obsessivo: a vida já não é vivida, mas controlada e o controle é sempre uma forma de medo.

"Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.
Se, portanto, o Filho vos libertar,
sereis verdadeiramente livres".
(Jo 8, 32;36)

35. Aqui emerge o tema da **liberdade**.
A liberdade assusta porque é um excesso e, por isso, o homem procura reduzi-la, construindo sistemas de defesa; mas assim perde a vida.

A liberdade precisa da compaixão, e essa é uma dimensão profundamente evangélica e calabriana.
A liberdade não é individualista, mas relacional: somos livres quando reconhecemos no outro não uma ameaça, mas uma revelação.

> "Ao vê-la, o Senhor foi tomado de grande compaixão por ela e lhe disse: 'Não chores!' Depois disse: 'Jovem, eu te digo, levanta-te!' E o entregou à sua mãe."
> *(Lc 7, 13-15)*

36. A **ternura** é um ato radical, é depor as armas diante da existência do outro; não é fraqueza, mas força desarmada. A liberdade torna-se assim "liberdade para", já não "liberdade de" alguma coisa, mas liberdade para alguém.

37. Esta é a passagem da defesa ao cuidado, e aqui reencontramos o coração do carisma: tornar-se homens e mulheres que confiam na Providência significa tornar-se homens e mulheres que não vivem na defensiva, mas na doação.
O medo fecha, a Providência abre, e toda a vida cristã se decide exatamente aí.

VI. O MEDO FAZ DEIXAR DE AMAR

"Então Jesus lhe disse: 'Guarda tua espada em seu lugar, porque todos os que tomam a espada morrerão pela espada'".
(Mt 26, 52)

38. **Quando o homem não confia, defende-se. Quando se defende, deixa de amar.**
O medo está na desconfiança, no receio de que o outro possa nos dominar, mutilar, privar-nos de alguma coisa nossa. Quando a vida deixa de fluir livremente, ela se arma com o medo. É como se a própria vida estivesse se voltando contra si mesma.

39. Para Jesus, o antídoto contra a morte não devia nem podia ser o medo, mas a liberdade da alma, do espírito que temos dentro de nós, do amor. Ensinou que se pode morrer mesmo vivendo. Foi Ele quem disse a seu povo que seu Deus não era o Deus dos mortos, mas o dos vivos.

"Não lestes o que vos foi dito por Deus: 'Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó'? Não é Deus dos mortos, mas dos vivos!" A multidão, ouvindo isso, ficou admirada com seu ensinamento.
(Mt 22, 32-33)

40. Confiar é o primeiro movimento relacional que a criança aprende ao vir ao mundo. Precisa das mãos da mãe que a protejam, que não apenas satisfaçam suas

necessidades, mas lhe deem aquela terna calidez de que o ser humano necessita. Se a criança faz a experiência da confiança, naturalmente aprenderá a descobrir o mundo, a amá-lo, a tolerar suas inevitáveis frustrações. A confiança são olhos inocentes com os quais olhar o mundo.

41. Confiar é deixar-se surpreender pelos passos de hóspedes inesperados, de próximos e viajantes.
É voltar a ser capaz de maravilhar-se, de rejeitar a indiferença diante da dor.
É apertar junto ao coração a pequena "Hope", filha de um barco de migrantes e de um estupro, é não fechar a porta aos tantos órfãos vindos do mar.
Confiar é a coragem dos mansos e a liberdade do coração.

Quantas vezes caímos e depois nos levantamos?
Somente assim a confiança nos salva das ambiguidades do mundo, das suas complicações. A confiança nos abre ao mundo.

"Cada um é aquilo que é o seu amor.
Amas a terra? Serás terra. Amas a Deus?
Que devo dizer? Que serás Deus?"
(*Santo Agostinho*, Comentário à Primeira Carta de João, *Tratado II,14*)

42. **És aquilo que amas**.
Existe uma linha profunda e antiga que atravessa a tradição dos Padres da Igreja e que ilumina de maneira surpreendentemente atual o tema do medo.

Não é uma reflexão marginal, mas uma intuição central: o medo não nasce, antes de tudo, das circunstâncias, mas do modo como o homem ama.

43. Santo Agostinho o diz com uma clareza desarmante: o homem não é definido simplesmente por aquilo que pensa, mas por aquilo que ama. E, quando o amor é desordenado, quando se ama mal, nasce o medo. Não porque o mundo se tenha tornado subitamente mais perigoso, mas porque o coração se apegou àquilo que pode ser perdido.
Se amas o que é frágil como se fosse absoluto, viverás inevitavelmente com medo de perdê-lo. Se fundamentas a tua vida naquilo que passa, viverás na angústia de que tudo te seja tirado.

44. O medo, nessa perspectiva, nada mais é do que a sombra de um amor equivocado. Não é uma emoção a eliminar, mas um sinal a interpretar. Ele te diz onde colocaste teu coração.
Agostinho não convida a deixar de amar, mas a amar bem, porque somente um amor ordenado liberta do medo.

"Escuta, Israel: o Senhor é nosso Deus, o Senhor é único.
Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o coração,
com toda a alma e com todas as forças...
para que sejas feliz e entres na posse da boa terra
que o Senhor jurou dar a teus pais."
(Dt 6, 4-5;18)

45. Amar a Deus não significa refugiar-se no religioso, mas reencontrar a medida justa de todas as coisas. Quando Deus está no centro, tudo o mais pode ser amado sem ser possuído, vivido sem ser defendido obsessivamente. E então o medo diminui, não porque a vida se torne mais fácil, mas porque já não precisas reter tudo. A liberdade nasce daqui: da possibilidade de amar sem ser escravo daquilo que amas.

46. Essa intuição agostiniana se reencontra, de diferentes formas, em toda a tradição dos Padres. Os Padres do deserto, homens radicais que escolheram despojar-se de tudo para buscar o essencial, chegam a uma conclusão igualmente clara: quem não possui não teme. Não é um convite à pobreza como ideal ascético em si mesmo, mas uma leitura lúcida da condição humana. Possuir significa apegar-se, e todo vínculo possessivo gera medo. Medo de perder, medo de ser roubado, medo de ser ameaçado. Quanto mais se acumula, mais cresce a ansiedade de defender o acumulado. E assim a vida se transforma numa contínua estratégia de proteção.

"A liberdade e a alegria íntima da alma
são o fruto de autêntica pureza e de desapego
das realidades ligadas ao tempo."
(Santo Antão Abade)

47. Os Padres desmascaram essa dinâmica: não é a falta que gera medo, mas o apego. O homem que não tem nada a perder é um homem livre. Não porque a vida não lhe

importe, mas porque não é prisioneiro daquilo que possui. Sua segurança não está nas coisas, mas numa relação que não pode ser subtraída. Nesse sentido, a pobreza evangélica não é privação, mas libertação do medo.

> "Não sei se alguém já conseguiu não se alegrar
> com o elogio. E, se se alegra, naturalmente
> quer recebê-lo. E, se quer recebê-lo,
> não pode deixar de ficar
> profundamente angustiado quando o perde".
> *(São João Crisóstomo*, Tratado sobre o sacerdócio, *Livro V)*

48. Ao mesmo tempo, os Padres não são ingênuos. Sabem que o medo não está ligado apenas aos bens materiais, mas também ao julgamento, ao reconhecimento, à imagem de si.
João Crisóstomo insiste num ponto decisivo: o homem teme porque vive sob o olhar dos outros. Precisa de aprovação, de consenso, de reconhecimento, e isso o torna frágil. Basta um olhar contrário, uma palavra, um julgamento, para desestabilizá-lo. Aqui o medo nasce de uma dependência: viver para ser visto.

49. E então a liberdade evangélica torna-se também liberdade diante do julgamento. Não indiferença, portanto, mas enraizamento mais profundo.
Quando o teu valor já não depende do olhar dos outros, mas de um olhar que te precede e te fundamenta, então podes viver sem medo de ser desmascarado, excluído, rejeitado.

"Aquele que se eleva já não é retido por nenhum medo servil, mas, deixando para trás o sentimento de temor, progride no amor até alcançar a perfeição da alma."
(Gregório de Nissa, Vida de Moisés, *II,320)*

50. *Gregório de Nissa* introduz outra intuição fundamental: o medo é frequentemente sinal de um conhecimento incompleto de Deus. O homem teme a Deus quando não o conhece verdadeiramente, quando o percebe como limite, como controle, como ameaça. Mas, quando entra numa relação mais profunda, quando descobre que Deus não está "contra" ele, mas "a favor" dele, o medo dá lugar a uma forma diferente de temor, que os Padres chamam de "temor filial".
Não é o medo do escravo, mas o respeito do filho. Não paralisa, mas gera vida. Não fecha, mas abre. É o reconhecimento de uma grandeza que não esmaga, mas sustenta. Aqui se joga uma distinção decisiva: a fé não elimina o temor, mas o transfigura. Transforma o medo em relação.

"As coisas criadas, precisamente porque têm um início posterior à sua criação, devem ser inferiores àquele que as fez... Assim como a mãe pode oferecer desde o início um alimento sólido ao recém-nascido, mas a criança ainda não é capaz de recebê-lo, também Deus poderia ter oferecido a perfeição ao homem desde o princípio, mas o homem não era capaz de recebê-la, pois ainda era uma criança."
(Irineu de Lião, Adversus Haereses, *Livro IV,38,1).*

51. Também *Irineu de Lião*, em sua visão profundamente positiva do homem, ajuda a compreender a raiz do medo. Para ele, o homem é um ser em crescimento, chamado a tornar-se plenamente ele mesmo. O medo nasce quando esse caminho se interrompe, quando o homem se fecha, quando deixa de crescer. É uma regressão, um retorno a uma condição infantil em sentido negativo: não a da criança que confia, mas a do homem que se protege.
A salvação, então, não é fuga da realidade, mas amadurecimento. Tornar-se homens e mulheres capazes de estar na vida sem ser esmagados por ela.

52. Dentro dessa tradição emerge uma síntese poderosa: **o medo não é o problema principal, é um sintoma**. É o sinal de algo mais profundo: um amor desordenado, um apego excessivo, um conhecimento incompleto de Deus, uma dependência do olhar alheio, um crescimento interrompido.
Os Padres não combatem diretamente o medo, mas trabalham na raiz. Reordenam o amor, libertam do apego, purificam o olhar, educam para a relação. E assim, sem negá-lo, esvaziam o medo de sua força.

53. Se olharmos bem, essa antiga sabedoria converge surpreendentemente com todo o caminho que traçamos: o medo nasce quando o homem não confia, quando se defende, quando retém, quando se fecha. E é vencido não por um esforço voluntarista, mas por um movimento mais profundo: aprender a amar na verdade, a deixar ir, a

confiar, a viver dentro de uma relação que não precisa ser defendida porque já nos foi dada.
Nesse sentido, os Padres não oferecem uma técnica para superar o medo, mas uma visão do homem e de Deus que torna o medo desnecessário. Porque, quando o homem descobre que é filho, quando já não precisa conquistar tudo, quando não precisa defender tudo, quando não precisa demonstrar tudo, então pode finalmente viver.
E viver sem medo.

"Enquanto houver temor da pena,
não haverá amor à justiça.
Se não praticas o mal apenas por medo do castigo,
ainda não amas o bem. Quando o amor começa
a habitar em ti, o medo é expulso,
porque o medo faz sofrer e o amor faz alegrar-se.
Quem teme é como um prisioneiro,
quem ama é livre;
o medo aperta o coração,
o amor o dilata."
(Santo Agostinho, Comentário à Primeira Carta de João,
Tratado IX)

VII. O MEDO DEFORMA DEUS

"E o Paraíso? Existe um paraíso?"
"Creio que sim, senhora, mas os vinhos
doces ninguém mais os quer."
(Eugenio Montale,
Prêmio Nobel de Literatura,
Paraíso, da coletânea Satura, 1971)

54. Os vinhos doces já não estão na moda; pelo contrário, o mercado está repleto de fel, de cálices amargos, de conflitos, de medos e angústias cotidianas, de uma indiferença insípida. Preferimos o amargo, mesmo que a Providência tenha preparado um banquete para nós.
Pensemos nas novas gerações: atordoadas pela incerteza do presente, têm dificuldade de imaginar um futuro, o vinho doce da Providência e da esperança.

"Quem beber desta água terá sede novamente;
mas quem beber da água que eu lhe darei
nunca mais terá sede."
(Jo 4, 13-14)

55. Os cálices amargos da indiferença, do tédio, da falta de futuro deformam a imagem de Deus, relegando-o a uma simples presença entre outras, a um "bem de consumo", em um presente sem esperança, feito de homens e mulheres que renunciaram ao mistério da vida. **O medo não surge como reação a um encontro com Deus; pelo contrário, muitas vezes é gerado pela imagem preconcebida que formamos Dele.**

Distorcer a imagem de Deus significa afastar homens e mulheres Dele, deixando-os espiritualmente áridos.

> "O senhor lhe respondeu: 'Servo mau e preguiçoso,
> tu sabias que colho onde não semeei
> e recolho onde não espalhei; deverias ter confiado
> meu dinheiro aos banqueiros e assim, ao voltar,
> eu teria recebido o que é meu com juros.
> Tirai-lhe, portanto, o talento e dai-o
> àquele que tem dez talentos'."
> *(Mt 25, 26-28)*

56. Nessa seca espiritual, Deus corre o risco de ser visto como um "mestre severo", como podemos observar na Parábola dos Talentos. O servo dos talentos tem medo porque vê um patrão severo. Se enxergarmos na autoridade sempre o bastão que golpeia, escolheremos sempre, amedrontados, a segurança em vez da liberdade. Deixaremos de criar e teremos de suportar o peso insustentável da responsabilidade. Na parábola dos talentos, Deus nos convida a arriscar, porque Deus acredita em nós mais do que o servo acredita em si mesmo. O dom de Deus, porém, é algo a ser temido pelo servo, é uma ameaça.

57. O Deus dos vivos não é uma ameaça, é uma base segura que te diz: "vai e enfrenta o mundo", te impulsiona ao amor, à confiança recíproca, a assumir a responsabilidade até mesmo por um fracasso pessoal.
A vida se deixa viver; o medo imobiliza.

O tédio nos obriga a não ação, assim como a vergonha, que nos expõe excessivamente ao julgamento dos outros. Desse modo, acabamos não vivendo plenamente a vida que recebemos como dom.

58. **Não importa o quanto recebeste, mas o que escolhes fazer com aquilo que tens.**
Para quem luta há uma vida inteira, para quem caiu, para quem está sozinho, para quem, apesar de tudo, consegue recomeçar e colocar-se novamente a caminho, para quem aprendeu a aceitar a vida como ela é, para quem sabe, lentamente, cuidar de uma ferida, para quem não tem nada, mas consegue doar... **Para toda essa humanidade, a vida não deixou de pulsar.**

59. Podemos errar, e a verdadeira força — como a de Dom Quixote — é saber levantar-se novamente diante da vida, por mais absurda e incoerente que ela nos pareça. É possível encontrar a si mesmo, ainda que lutando desde sempre e suportando a dor, porque, se vives verdadeiramente, nada está perdido.
Enterrar as próprias potencialidades por medo do julgamento ou do fracasso é o único verdadeiro erro.

VIII. O QUE NOS TORNAMOS

60. Nestes dias, o mundo não precisa de explicações. Já tem explicações demais. Não precisa de análises, de comentários, de opiniões. Está saturado disso.
O mundo precisa de homens livres.
Porque aquilo que está acontecendo diante dos nossos olhos não é simplesmente uma crise geopolítica, não é uma fase histórica complicada, não é uma passagem difícil de interpretar. É uma revelação. Está vindo à luz o que nos tornamos.

> "Por acaso, um sacerdote descia por aquele mesmo caminho e, quando o viu, passou adiante. Também um levita, chegando àquele lugar, viu e passou adiante."
> *(Lc 10, 31-32)*

61. Olhamos para as guerras, os bombardeios, os corpos sob os escombros, as crianças que morrem, as cidades destruídas, e continuamos a viver tranquilamente nossa vida de sempre. Comemos, trabalhamos, organizamos os nossos dias, fazemos projetos, discutimos de coisas secundárias, enquanto a vida real se consome diante dos nossos olhos.
Este é o ponto mais dramático.
Não é somente a violência que provoca medo. É a capacidade do homem de se acostumar com a violência. Desenvolvemos uma forma sofisticada de anestesia moral.
Já não nos escandalizamos.
Já não paramos. Já não mudamos.

Olhamos e passamos adiante. E isso é muito mais grave do que a própria guerra. Porque a guerra destrói os corpos, mas a indiferença destrói o homem por dentro.
Torna-nos incapazes de sentir compaixão, de reagir, de sentir.
Transforma-nos em espectadores. E um espectador nunca muda a história.

62. Hoje, o verdadeiro problema não é que existam pessoas violentas.
É que existe uma enorme massa de pessoas que se acostuma.
Que se adapta.
Que justifica.
Que delega.
Que se refugia em seu pequeno mundo para não ser incomodada.
É uma forma de sobrevivência, certamente. Mas é também uma forma de rendição. Porque, cada vez que nos acostumamos com o mal, perdemos um pedaço de humanidade. Cada vez que não reagimos, permitimos que o mal se torne normal. E, quando o mal se torna normal, torna-se invencível.

"Construir um mundo no qual todos possam 'florescer'
exige uma corresponsabilidade corajosa.
Nenhuma mão, sozinha, é suficiente para sustentar
o peso dos desafios que atravessam o mundo;
e nenhuma é tão fraca que não possa oferecer
sua própria contribuição."
(Leão XIV, Magnifica humanitas*, N.13)*

63. O mundo hoje não precisa de pessoas que expliquem a paz. Precisa de pessoas que não se acostumem com a guerra.
Que não aceitem que tudo isso seja inevitável.
Que não reduzam a dor a um dado estatístico.
Que não transformem a morte em notícia.
A questão não é compreender tudo. A questão é não nos tornarmos cúmplices. E a cumplicidade mais difundida hoje não é a ação, mas a indiferença.
É o continuar vivendo como se nada estivesse acontecendo.
É o proteger a própria tranquilidade enquanto outros perdem tudo.
É o não se deixar ferir por aquilo que acontece.
Porque deixar-se ferir custa.
Significa **sair da neutralidade, tomar posição, mudar de vida.**
E então preferimos permanecer em segurança. Mas uma vida em segurança, quando o mundo está em chamas, já não é vida. É sobrevivência.
E o Evangelho nunca nos chamou a simplesmente sobreviver.

IX. A REVOLUÇÃO DA PROVIDÊNCIA

64. São João Calábria não parte do homem amedrontado. Não analisa o medo, não o estuda, não o psicologiza. Parte de Deus. E isso já é um escândalo, porque nós partimos sempre de nós mesmos, de nossas feridas, de nossas fragilidades, de nossos limites, enquanto ele realiza uma inversão radical: coloca no centro não o medo do homem, mas a fidelidade de Deus. E, a partir daí, olha para todo o restante.

65. **Se Deus é verdadeiramente Pai** - e não uma palavra religiosa desgastada -, então **a vida não é um campo minado a ser atravessado com prudência, mas um espaço a ser habitado com confiança.**

"Oh, queridos, correspondei, correspondei e vivei como dignos filhos desta Obra, preparai-vos para quando sairdes pelo mundo, lembrai-vos bem de que vos espera uma guerra terrível, porque o mundo, a sociedade atual, está nas trevas, e as trevas não querem a luz; por isso, tereis de lutar muito, mas muito mesmo. Mas nada de medo! Saireis desta casa com a bênção de Deus, fortalecidos por sua divina graça; certissimamente vencereis, e vossa vida de verdadeiros jovens cristãos será luz para muitos que vivem nas sombras e na morte. O pensamento desta noite seja, portanto, este: quem confia em si mesmo está perdido, mas quem confia em Deus tudo pode."
(São João Calábria, Pensamentos e Máximas, 22/10/1919)

66. Esta é a diferença decisiva. Não uma nuance espiritual, mas uma mudança de lógica. Porque, se Deus é Pai, então o medo não é o destino inevitável do homem: é o sinal concreto de que deixamos de confiar.
Padre Calábria não constrói essa certeza nos livros, mas na vida concreta, quando não há nada, quando falta o pão, quando as casas estão vazias, quando os meninos chegam da rua sem nome e sem história.
É ali que nasce sua fé na Providência.
Não como uma ideia devota, mas como uma experiência real, comprovada, vivida até as últimas consequências.

67. A Providência, para ele, não é uma linguagem religiosa para dizer "vai dar tudo certo", mas é a descoberta de que Deus age dentro da realidade, de que se serve de mãos, de rostos, de relações que passa através da pobreza e não a evita. Por isso, sua fé é radical: porque não elimina o risco, mas o atravessa.
Não protege contra a precariedade, mas a assume.
Não elimina o esforço, mas lhe dá um sentido.
E aqui emerge sua força carismática: **a vida não é para ser defendida, mas para ser confiada**.
Nós frequentemente nos defendemos, acumulamos, nos fechamos, controlamos, construímos seguranças, enquanto ele confia, se expõe, entrega, arrisca. Não porque seja ingênuo, mas porque levou o Evangelho a sério.

68. A seguir, gostaria de partilhar uma homilia inteira de São João Calábria; penso que ela possa nos ajudar a

aprofundar ainda mais esse conceito que parece fácil, mas não é, e que, ao contrário, é a chave de tudo:

69. *"O Santo Evangelho que a Santa Igreja propõe para nossa instrução espiritual consiste em narrar-nos como o bendito Jesus, enquanto estava com os seus numa barca, esta foi agitada por uma tempestade repentina, de tal modo que a barca ameaçava afundar.*

> 'Entrando na barca, seus discípulos o seguiram.
> E eis que houve no mar uma grande agitação,
> de modo que a barca era coberta pelas ondas;
> mas Ele dormia. Então se aproximaram
> dele e o acordaram, dizendo:
> Salva-nos, Senhor, estamos perdidos!'
> *(Mt 8, 23-25)*

Esta barca, ó queridos, na qual está Jesus com os discípulos, é uma imagem da situação da Igreja sobre a terra: situação de perigos, de tentações, de tormentas, de tempestades.
O que não fez Satanás no princípio para sufocar, destruir a nascente Igreja de Cristo! Judeus, pagãos, reis, príncipes, poderosos, magistrados, sacerdotes, povo, grandes da terra se levantaram e, unidos numa só força, fizeram de tudo para atacar esta barca, que é a Igreja.

70. *Naquele tempo, ó queridos, bastava o simples nome de cristão para armar as mãos dos tiranos. Mas essa tempestade, essa luta, como foi vencida? Com as virtudes, com a paciência, com o sangue dos mártires, porque, como bem diz Tertuliano: o sangue dos*

mártires era semente de novos cristãos. E os filhos daqueles que a haviam humilhado, perseguido, daqueles que haviam jurado arruiná-la, passaram a considerar uma glória elevá-la, sustentá-la, expandi-la e defendê-la.
Também agora não faltam ímpios, novos tiranos que procuram fazer guerra contra esta barca de Pedro, contra a Igreja de Cristo, mas seus esforços são e serão inúteis, porque Jesus disse: 'As portas do inferno jamais prevalecerão contra ela'. Os inimigos passam, morrem, e a Igreja permanece. Mas aquilo que mais entristece a Igreja é a guerra que lhe fazem tantos de seus filhos, isto é, tantos cristãos, que cresceram, foram educados e alimentados por esta terna mãe, quando poderiam consolá-la com sua vida verdadeiramente evangélica, com suas virtudes, ao contrário, traspassam-na com seus escândalos, com seus maus exemplos. Vós, queridos, vós, ó filhos, procurai viver sempre como filhos obedientes desta Mãe. Que nossa vida seja uma contínua advertência, uma contínua luz capaz de iluminar tantos irmãos nossos que continuamente entristecem esta sua Mãe.

71. Nesta barca está também representada a nossa alma. Enquanto vivemos neste mundo, estamos sempre sujeitos a ventos contrários, a terríveis tempestades. A vida do cristão é uma vida cheia de cruzes, de contradições, de perigos. Sigamos adiante com coragem, com constância; que não nos abatam as dores, os sofrimentos, porque estes são tantos degraus que nos fazem subir ao Tabor, isto é, ao céu.
Aliás, tenhamos bem presente que, se queremos ser verdadeiros seguidores, verdadeiros amigos de Jesus, devemos sofrer, e sofrer muito.

Os santos do Antigo e do Novo Testamento foram desprezados, exilados, caluniados e condenados a muitos tormentos. Eles sofreram zombarias — diz São Paulo —, açoites, correntes, prisões; foram apedrejados, serrados ao meio, tentados, mortos ao fio da espada.
Eis, queridos, o que espera os cristãos! E quantas tempestades e quantas lutas, quantas contradições, quantos sofrimentos não devem suportar aqueles que abandonam o mundo para seguir Jesus!

72. *Oh, queridos irmãos, sublime, divina é a nossa missão e, por ser assim, deveis suportar, deveis sofrer: sofrer interiormente, sofrer exteriormente.*
Eis o que nos diz São Paulo: 'Todos aqueles que vivem em Cristo devem sofrer muitas perseguições'. Mas coragem, porque não estamos sozinhos, conosco está Jesus. Se alguma vez parece que esse Jesus dorme, tenhamos presente que, nessa aparência de sono, Jesus vigia ainda mais; basta que vivamos de fé, sempre fé!
Sabeis, ó queridos, quando Jesus realmente dorme? Quando nossa fé é fraca, está adormecida.
Às vezes parece que Jesus dorme; então, ó queridos, é o tempo da provação: mais fé, mais fé.
Que não tenhamos de ouvir aquela repreensão de Jesus: 'Homens de pouca fé, por que temeis?' Se até este momento não fomos homens de fé, ah, sejamos daqui para a frente; e, quando nos sentirmos assaltados pela tempestade, imitemos os Apóstolos, recorramos a Jesus, e Ele, com uma palavra divina, acalmará aquela tempestade, e nós nos sentiremos fortes e tranquilos e seguiremos adiante, sempre adiante em nossa santificação. Mas essa santificação será tanto mais verdadeira quanto mais nos abandonarmos em Deus.

Demos, digo-vos com Santo Agostinho, demos carta branca ao Senhor, deixemo-nos governar por Ele em tudo, e tudo acontecerá para o nosso bem. Fé, confiança extrema em Deus! Unamo-nos a Jó, que declara que nem mesmo a morte lhe tirará a confiança em Deus, e eis que Deus o consola, transformando em prosperidade as adversidades e as dores."
(São João Calábria, Comentário ao Evangelho, IV Domingo depois da Epifania)

73. Nesta passagem, compreende-se muito claramente que a fé da qual fala Padre Calábria não é uma devoção intimista ou uma simples virtude espiritual.
É um modo concreto de estar na vida.
Porque o medo, quando toma conta do coração do homem, leva-o sempre a fechar-se: a defender-se, a reter, a selecionar quem merece e quem não merece.
A confiança, ao contrário, abre. Expõe. Desarma.

74. Por isso, na espiritualidade calabriana, a Providência não nasce longe da fragilidade do mundo, mas precisamente dentro dela.
Não nas situações perfeitas, mas na barca agitada pela tempestade.
Não fora da pobreza, mas dentro do encontro com ela.
É precisamente ali que o Evangelho deixa de ser teoria e se torna carne, relação, entrega confiante cotidiana.

75. Isso muda também o modo de olhar para o pobre. O pobre não é um problema social, não é uma emergência a ser administrada, não é um incômodo a ser contido.

O pobre é o lugar onde Deus te educa para a confiança. É ali que aprendes a não ter medo. Porque o pobre te despoja, tira tuas defesas, obriga-te a sair de ti mesmo, exige que vivas relações verdadeiras. E então compreendes que a segurança não está nas coisas, mas nos vínculos; não no controle, mas na entrega confiante.

76. "*A Obra dos Pobres Servos é grande na mente de Deus, ainda estamos no princípio; vereis aquilo que o Senhor fará, mas o segredo para realizar aquilo que o Senhor quer está nisto: viver o nosso espírito genuíno, que consiste em grande fé, em grande amor ao Senhor e às almas, profunda humildade, convencidos do nosso nada e da nossa miséria, plena confiança em Deus, que nos assiste e está sempre perto de nós, pensando que somos seus, e seus primeiramente para a nossa santificação pessoal e, depois, para as almas, especialmente aquelas mais pobres, abandonadas, desamparadas, porque estas são as prediletas de Deus e, para nós, devem ser nossas joias, as pérolas mais preciosas.*

77. *Caro Padre Stanislao, Cristo ama as almas e quer que nós as amemos. Jesus deu a vida por elas e quer que também nós demos a nossa, se necessário; fazei-vos tudo para todos, a fim de conquistar todos para Jesus. Recomendo-te de modo particular as crianças, as pobres crianças. A Obra nasceu, desde o princípio, com essas queridas alminhas. A palavra de Jesus deve ser uma advertência para nós: deixai que as criancinhas venham a mim. Ai daquele pobre servo que negligenciasse essa porção eleita do divino Pastor.*

78. *Juntamente com as crianças, recomendo-te os pobres, e sei que tendes muitos desses prediletos de Deus, especialmente os mais*

pobres, ignorantes, abandonados. É Jesus quem fala! O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me enviou para evangelizar os pobres. Padre Stanislao, recomendo-te os pobres: amar a pobreza deles. Serão ingratos? Tende compaixão deles, amai-os, são de Jesus e, mais cedo ou mais tarde, irão até Ele. Se os pobres, se as almas não vêm até nós, não, não choremos, não façamos lamentações inúteis; vamos nós até eles, por montes e vales, entre espinhos e matagal, à procura dessas ovelhinhas, empregando todos os meios, procurando todas as ocasiões, suportando-os com paciência, rezando, sacrificando-nos. Jesus estará convosco, conosco, e abençoará e salvará um dia suas almas."
(São João Calábria, Carta ao Padre Stanislao Pellizzer, 07/06/1938)

79. E então se compreende que, para Padre Calábria, **a Providência** nunca foi uma teoria espiritual ou uma consolação religiosa para tempos difíceis. Foi uma **forma concreta de existência evangélica**. Uma escolha radical de estar no mundo sem se deixar governar pelo medo da escassez.

80. Por isso, toda a sua insistência nos pobres não nasce de uma filantropia social, mas de uma visão teológica profundíssima: **os pobres não são simplesmente destinatários da missão, mas o lugar onde Deus guarda o coração do Evangelho.** É ao lado dos pequenos, dos últimos, dos "abandonados e desamparados" que o homem descobre se realmente acredita na paternidade de Deus ou não. Porque, diante

do pobre, caem inevitavelmente as máscaras da posse, da eficiência, do cálculo e da autossuficiência.

81. E ali permanece apenas uma pergunta decisiva: **confiamos verdadeiramente no Pai?** Padre Calábria havia intuído que a maior crise não seria a pobreza material, mas a perda da confiança. Por isso, pedia aos seus religiosos não simplesmente que ajudassem os pobres, mas que amassem até mesmo a pobreza deles, isto é, que reconhecessem dentro daquela fragilidade uma possibilidade de Evangelho, um caminho de conversão, **quase um sacramento da Providência**.

82. A Providência, então, na visão calabriana, não é um milagre extraordinário, mas é a trama cotidiana da vida compartilhada.
É o pão que se transforma em mesa, é a casa que se transforma em família, é o pouco que se torna suficiente. **É uma revolução silenciosa**, mas poderosíssima, porque desmonta pela raiz a lógica do medo.
Quem vive da Providência não é alguém que não tem problemas: é alguém que não se deixa determinar pelo medo. É alguém que continua a viver, a amar, a doar-se, mesmo quando tudo sugeriria fechar-se.

83. E esta é uma posição profundamente profética hoje, porque, em um mundo que se defende, que se arma, que se fecha, que seleciona, que exclui, **a confiança se torna um ato subversivo**.
Confiar é ir contra a corrente.

Confiar é expor-se.
Confiar é escolher viver sem fortalezas interiores.
E então a verdadeira pergunta não é se temos medo, mas se queremos continuar vivendo assim. Porque a Providência não elimina o medo, mas o torna inútil.

X. TER FÉ

"No dia seguinte, tirou dois denários
e os entregou ao hospedeiro, dizendo: 'Cuida dele; o que
gastares a mais, eu te pagarei quando voltar'."
(Lc 10, 35)

84. **O medo nasce quando o homem não confia.**
A fé não é uma ideia. É uma confiança real.
Confiar significa assumir uma responsabilidade, ser responsável. Como na parábola dos talentos, frequentemente pensamos que confiar significa "soltar as rédeas" e deixar que outra pessoa faça o trabalho.
Se alguém te confia um bem precioso (uma vida humana, um projeto, uma missão, uma esperança), faz isso porque confia na tua capacidade de administrá-lo. Então, não podes ficar parado, de braços cruzados. Pede-te que cuides dele, que sejas responsável por ele, que arrisques.

85. A responsabilidade é a resposta à fé. Ser responsável nos leva a colocar as mãos na massa diante daqueles que nos pedem ajuda, a lutar e arriscar, porque quem não luta por alguma coisa já perdeu.
Quem enterra o próprio talento, por menor que seja seu valor, enterra a vida. Para viver, podemos aceitar a possibilidade de perder, de ser vulneráveis, mas reconhecer que, mesmo assim, vale a pena arriscar a vida.
Confiar em Deus ou na vida não dispensa ninguém de fazer a própria parte.

O medo é esquecer que cada pessoa tem sua parte neste mundo. Que, quando uma criança morre, não se trata de uma mera questão de oportunidade; que a vida importa; que, se és livre, sabes estabelecer limites para a tua liberdade e para a dos outros. O medo, ao contrário, não tem limites, inunda todos os aspectos da vida.

86. **O contrário da fé não é a dúvida. É o medo.** O contrário do medo não é a coragem, mas a liberdade. Para sermos corajosos, precisamos ser livres, e a liberdade significa apostar em uma maneira de compreender a vida que seja tua, a tua melhor maneira de ser.

87. A liberdade também tem parentesco com a *beleza*; talvez ela própria seja beleza. É exatamente o oposto da lógica do bando. Se és livre, não precisas de um grupo, de um pensamento coletivo. Podes unir-te a outros homens livres, abertos, prontos para olhar adiante, com força. A fé torna-se, então, uma das formas pelas quais a liberdade se manifesta. A fé torna-se liberdade diante do mundo ilusório da aldeia global, dos medos que acorrentam o indivíduo ao bando. A fé torna-se confiança, isto é, aquilo que permite superar a incerteza. Sem confiança, a liberdade permaneceria paralisada pela dúvida; confiar significa escolher agir apesar do risco. Significa não ter medo. Significa olhar para as estrelas do céu e pensar que elas nunca cairão. Que sempre haverá uma pequena luz no silêncio do céu.

88. **Ter confiança é uma oração.**
Em aramaico, "amém" significa também "crer", "ter confiança", "apoio", mas com a mesma palavra também se indicam os batentes da porta e as mãos firmes de um artesão.

XI. UBUNTU

"Vinde a mim, todos vós
que estais cansados e oprimidos,
e eu vos darei descanso."
(Mt 11,28)

89. E então, o que fazer? Se queremos fugir do bando que alimenta o medo, dos sentimentos devastadores de tédio e vergonha, das perigosas identificações com líderes de bandos que promovem políticas do medo e do desprezo, precisamos retornar à simplicidade fundamental dos sentimentos. O bando é uma redução a um estado anterior, um retorno ao início do caminho da humanidade. É a união de homens-animais cuja única satisfação é dilacerar a presa; não há espaço para poder afirmar "a dor dele é também a minha dor", "a felicidade dele é também a minha felicidade".

90. Para escapar dos bandos, das ideologias totalitárias, a fé nos indica o **caminho da liberdade, da mansidão, da gentileza e da ternura**, verdadeiros eixos fundamentais para compreender o caminho da vida.
A ternura é a atitude de: alguém que permanece...
alguém que não se defende...
alguém que não foge...
porque não tem medo.

"Em uma época que tende a acelerar e fragmentar,
a carne humana continua pedindo para ser cuidada
e reconhecida por mãos capazes de ternura,
por mentes atentas e por palavras bondosas."
(Leão XIV, Magnifica humanitas*, N.239)*

91. **A ternura** é acolher o Outro em sua humanidade, em sua diversidade; é confrontar-se com a inocência e a vulnerabilidade da vida, com seu valor; é um olhar aberto para a criação, para todos os seres sencíeis, que nos faz ser parte de uma comunidade e de uma humanidade compartilhada. Somos convidados a amar quem é próximo de nós, quem está ao nosso lado, mesmo que seja difícil tornar-nos próximos daqueles que não desejaríamos, daqueles que não são como nós.

92. Este é o verdadeiro desafio da mensagem original de Jesus: **aproximar-se, isto é, tornar-se próximo de qualquer pessoa**, porque somos feitos da mesma substância.
Basta um raio de sol para vencer o medo, basta um círculo de homens que permanecem juntos e ainda conseguem conversar entre si.
Não somente isso: para ter fé, é preciso tê-la juntos.
A confiança é inseparável da presença do outro.
Não fomos feitos para estar sozinhos.

93. **Ubuntu! "Eu sou porque nós somos."**
É exatamente assim que se expressa, em língua banta, esse sentimento coletivo de pertencimento a uma humanidade compartilhada.

Não posso estar bem se meu próximo sofre.
O caminho do perdão e da reconciliação é a única via da humanidade.
"Ubuntu" é o caminho percorrido pelo arcebispo sul-africano e Prêmio Nobel da Paz Desmond Tutu quando, para "curar" sua nação depois da terrível experiência do apartheid, indicou não o caminho da "vingança", mas o da recuperação do diálogo, da não violência e de uma justiça restaurativa.

94. A Providência, nesse sentido, está não somente na ajuda que vem do Céu, mas sobretudo na ação cooperativa e solidária dos homens entre si.
Deus precisa de mãos unidas.
A Providência se realiza na Comunidade: é o alimento para uma pessoa que se transforma em mesa comum.

95. A Providência nos oferece uma **revolução gentil** diante dos tempos em que vivemos.
Obriga-nos a mudar de perspectiva.
Diz-nos que o homem nasceu altruísta.
Diz-nos que a partilha e o pertencimento comum podem vencer os egoísmos e o medo.

96. Deve ter havido um momento na história do mundo em que os homens começaram a cuidar uns dos outros. Provavelmente, há muitíssimos anos, alguns homens se reuniram e se olharam, sentados em círculo: somente assim poderiam perceber uma ameaça às suas costas.

Cada um deles tornou-se responsável pela segurança dos outros e aquelas que, até então, haviam sido apenas presenças tornaram-se rostos. Uns reconheceram nos outros a própria essência humana. Reconheceram-se. Esse primeiro ato de *reconhecimento* recíproco marcou aquilo que, muitos anos depois, seria a ideia de justiça.

97. Os *homens reunidos em círculo* desenvolveram ideias de semelhança e diversidade a partir dos olhares que encontravam. Abriu-se caminho a ideia de sociabilidade, de semelhança e de diferença. Quem tinham diante dos olhos já não era um simples animal biológico, mas também havia se tornado pessoa.
Os homens-pessoas podiam olhar-se, sorrir, franzir a testa, distrair-se, apertar as mãos, entrar em conflito. Aprenderam a comunicar-se. Cada um descobriu quem era por meio das reações do outro; procuraram-se reciprocamente, começaram a desejar-se e também a temer-se, aprendendo a dominar ou a defender-se. O olhar do outro tornou-se o único modo pelo qual podiam aparecer.

98. A passagem do homem-animal ao homem-pessoa constituiu um segundo nascimento para esses primeiros homens. Um tornou-se reflexo dos sentimentos do outro, espelhos nos quais começaram a ressoar sentimentos de semelhança, de amor, de cuidado. Começaram a unir suas forças, renunciando momentaneamente às razões do "meu" e do "teu", e nasceu a ideia de paz.
A paz é um dos nomes da justiça.

A paz é também um dos nomes da Providência.
A paz é o nome de pessoas que voltaram a estender as mãos.
A Paz nasce da Paternidade.

99. Já não acredito em uma paz proclamada apenas com palavras.
Não acredito nas declarações solenes, nos discursos elaborados, nas estratégias que falam de paz enquanto preparam outras coisas.
Não acredito em uma paz que permanece nos documentos e não entra na vida.
Porque a paz, se é verdadeira, não é um conceito.
É uma **atitude**. É uma maneira de estar no mundo.
E essa atitude tem um nome preciso: paternidade.
Não uma paternidade espiritual, teórica, idealizada. Mas uma **paternidade concreta**, existencial, que se realiza na vida real.

100. **A paternidade é o oposto do medo**.
Porque quem é pai não se defende. Expõe-se.
Não controla. Compromete-se.
Não foge. Permanece.
O medo constrói muros. A paternidade constrói vínculos.
O medo seleciona, exclui, protege-se. A paternidade acolhe, arrisca, deixa-se ferir.
E hoje **o grande drama não é somente que exista a guerra. É que falta a paternidade**. Faltam homens e mulheres capazes de gerar vida, de protegê-la, de defendê-la sem possuí-la. Faltam pessoas que se sintam

responsáveis não somente por si mesmas, mas também dos outros.
A paz não nasce onde se fala bem; nasce onde alguém decide cuidar.

101. **A paz não é o contrário da guerra. É o contrário da indiferença**. E a indiferença é sempre uma forma de orfandade. Um homem que não se sente filho não pode tornar-se pai. E então vive defendendo-se, acumulando, controlando, temendo. Mas, quando alguém descobre que é filho, quando faz a experiência de uma paternidade que o precede, que o sustenta, que não o abandona, então tudo muda.
Já não precisa defender-se continuamente.
Pode começar a viver para alguém.
Pode começar a gerar.
Pode começar a construir a paz.
Porque a paz nunca é um ato individual. É sempre um ato gerador.
Quem se sente filho escolhe não interromper a corrente da vida, mesmo quando tudo o levaria a rompê-la.

102. Hoje queremos a paz, mas não queremos tornar-nos pais.
Queremos segurança, mas não responsabilidade.
Queremos ordem, mas não relacionamento.
E assim continuamos falando de paz sem construí-la. Porque construir a paz significa perder alguma coisa. Significa renunciar a ter razão, aceitar não vencer,

escolher permanecer mesmo quando seria mais fácil ir embora.

103. **A paternidade é isto: permanecer**. Permanecer quando o outro erra, quando decepciona, quando fere. Permanecer quando a relação se torna difícil. Permanecer sem possuir, sem dominar, sem esmagar.
A paternidade é uma força frágil e poderosíssima ao mesmo tempo. E é a única força que pode gerar a paz.
Porque a guerra nasce sempre de uma ruptura dos vínculos, enquanto a paz nasce sempre de alguém que decide reconstruir esses vínculos.
Não com palavras. Com a vida.

XII. ONDE O MEDO PERDE A VOZ

104. A verdadeira pergunta não é como deixar de ter medo. Essa é uma pergunta errada. De fato, pressupõe que o medo deva desaparecer para que possas viver. E isso não acontecerá. O medo permanece.
Mas pode perder a voz.
Não de uma só vez. Não por esforço.
Mas por um deslocamento.
Porque somente quando decides entregar-te ao medo é que ele pode destruir a vida.

Acontece sempre da mesma maneira, mesmo que não percebas. O medo chega como um fato — um nó no estômago, um pensamento que aperta, uma possibilidade que se obscurece — e, logo depois, transforma-se em interpretação:
"Estás vendo? Tu não consegues."
"Estás vendo? Vas dar errado."
"Estás vendo? Estás sozinho."
É aí que ele comanda. Não quando sentes, mas quando tiras uma conclusão. E quase sempre concluis depressa. Para te libertares. Mas essa pressa já é uma rendição.

105. Então, a primeira coisa que muda a situação não é a coragem. É o tempo.
Quem vive dominado pelo medo está sempre com pressa. Quem confia desacelera.
Não porque tenha respostas, mas porque deixa de fugir daquilo que sente.

Permanece um instante a mais.
Apenas um instante.
Dentro daquele nó.
Dentro daquele pensamento.
Sem se defender imediatamente.
Sem tentar consertá-lo.
Sem fazê-lo calar.

106. E, naquele instante, acontece algo imperceptível: **o medo já não é tudo**. Torna-se uma parte.
E, quando já não é tudo, podes movimentar-te.
Não contra o medo. Não para demonstrar alguma coisa.
Retorna à realidade viva para ousar, um passo que não terias dado.
Uma palavra que terias guardado.
Uma presença que terias evitado.
Não porque não tenhas medo. Mas porque já não estás obedecendo a ele.

107. **É aqui que a vida recomeça**. Não quando estás seguro, mas quando deixas de te proteger de tudo.
O medo te pede sempre a mesma coisa: defende-te.
Defende a imagem, defende o resultado, defende o controle da situação, defende a ideia que tens de como as coisas deveriam acontecer.
A Providência não te defende dessa maneira. Ela te expõe.
Não para te ferir, mas para te libertar de tudo aquilo que precisas salvar para te sentires vivo.

"Temos o dever urgente de permanecer
profundamente humanos, guardando com amor
aquela magnífica humanidade que nos foi dada
e mostrada em sua plenitude em Cristo."
(Leão XIV, Magnifica humanitas*, N.15)*

"Trata-se de adquirir uma atitude de construir vínculos
de fraternidade, feitos de escuta, de olhares sinceros,
de tempo dedicado, até mesmo
de tempo perdido juntos."
(Leão XIV, Magnifica humanitas*, N.220)*

108. Por isso, em determinado momento, acontece uma passagem mais radical. Deixas de te perguntar se tudo dará certo. E começas a te perguntar se permanecerás.
Se permanecerás humano, se permanecerás aberto, se permanecerás dentro da relação, mesmo quando alguma coisa se rompe.
Porque o contrário do medo não é a segurança.
É a presença.
E a presença não impede que alguma coisa se quebre. Mas impede que tudo se perca.

109. Então compreendes uma coisa que não havias previsto.
Que não és livre quando o medo desaparece. És livre quando já não precisas esperar que ele desapareça para viver.
E isso não é algo que produzes. Acontece.

Acontece quando, em meio a alguma coisa que treme, não foges imediatamente. Não te fechas imediatamente. Não tiras conclusões imediatamente.
Permanece um espaço.
Pequeno. Quase invisível. Mas real.

110. **E é ali que o medo perde a voz**. Não porque tenha sido derrotado. Mas porque, finalmente, já não é o único a falar. E dentro daquele espaço — que não controlas, que não constróis, que não mereces — começas a reconhecer alguma coisa.
Não uma força tua.
Não uma técnica.
Não uma explicação.
Uma Presença.
Que não levanta a voz. Não se impõe. Não elimina o risco. Mas permanece. E, permanecendo, sem fazer barulho, coloca novamente a vida de pé.

EPÍLOGO

"O importante não é estabelecer
se alguém tem medo ou não,
mas saber conviver com o próprio medo
e não se deixar condicionar por ele.
Eis o que é a coragem; caso contrário,
já não é coragem, mas inconsciência."
(Giovanni Falcone)

111. Talvez, então, o verdadeiro milagre não seja viver sem medo.
O verdadeiro milagre é que, apesar de tudo, ainda exista alguém que ama.
Alguém que permanece.
Alguém que continua abrindo a porta.
Alguém que continua colocando um prato a mais na mesa.
Alguém que continua acreditando no ser humano enquanto o mundo lhe ensina o contrário.

112. Porque a história não é salva pelos fortes.
Salvam-na aqueles que não deixam o coração endurecer.
Salvam-na as mães que continuam gerando vida em meio às guerras.
Salvam-na os educadores que não deixam de acreditar nos jovens perdidos.

Salvam-na homens como Giovanni Falcone e Paolo Borsellino[1], que tinham medo — e como tinham! —, mas escolheram que o medo não tivesse a última palavra.
Salvam-na aqueles que continuam dizendo a verdade quando seria conveniente calar.
Aqueles que continuam estendendo a mão quando seria mais fácil fechá-la.
Aqueles que continuam amando mesmo quando amar parece inútil.

"Não tenhais medo! Abri, ou melhor,
escancarai as portas a Cristo!
Não tenhais medo! Cristo sabe 'o que há dentro
do homem'. Somente Ele sabe!"
(João Paulo II, 22 de outubro de 1978*)*

113. Talvez seja este, afinal, o significado mais profundo daquele "Não tenhais medo", proclamado por São João Paulo II no início de seu pontificado.
Não um convite a sentir-se forte.
Mas um convite a não deixar de ser humano.
Porque o contrário do medo não é a coragem.
O contrário do medo é uma vida finalmente entregue novamente ao amor.

---

[1] Giovanni Falcone e Paolo Borsellino foram dois magistrados italianos entre os mais importantes no combate à máfia, em âmbito italiano e internacional. Decidiram continuar seu trabalho, embora soubessem que arriscavam a vida. Foram assassinados em dois atentados em 1992, com poucos meses de diferença entre um e outro.

E então, sim:
talvez o mundo continue a ter guerras,
injustiças,
fracassos,
noites,
traições,
cruzes.
Mas haverá sempre alguém que, em meio à tempestade,
continuará acendendo uma pequena luz.
E é a partir dali - sempre dali –
que Deus recomeça o mundo.

	APRESENTAÇÃO	**3**
	INTRODUÇÃO	**8**
I.	**O HOMEM DE HOJE: NÃO MAU, MAS AMEDRONTADO**	**12**
II.	**O PRIMEIRO MEDO: O HOMEM QUE SE ESCONDE**	**16**
III.	**DEUS EDUCA A NÃO TEMER**	**20**
IV.	**JESUS: "NÃO TENHAIS MEDO"**	**23**
V.	**O MEDO BLOQUEIA A VIDA**	**26**
VI.	**O MEDO FAZ DEIXAR DE AMAR**	**28**
VII.	**O MEDO DEFORMA DEUS**	**36**
VIII.	**AQUILO EM QUE NOS TORNAMOS**	**39**
IX.	**A REVOLUÇÃO DA PROVIDÊNCIA**	**42**
X.	**TER FÉ**	**52**
XI.	**UBUNTU**	**55**
XII.	**ONDE O MEDO PERDE A VOZ**	**62**
	EPÍLOGO	**66**


QUAERITE · PRIMUM · REGNUM · DEI ·